

“O tratamento endovascular alterou o paradigma do tratamento do aneurisma da aorta”

O cirurgião vascular, em virtude da sua formação cirúrgica convencional e endovascular e experiência consolidada no tratamento do Aneurisma da Aorta Abdominal, unifica o tratamento da doença aneurismática. Augusto Ministro revela ao Perspetivas em que consiste esta patologia vascular.



pioneiros. João Cid dos Santos “criou” em meados do século XX a endarteriectomia arterial, um dos procedimentos cirúrgicos que permitiram o desenvolvimento da cirurgia arterial contemporânea. Atualmente existem centros de cuidados independentes (serviços ou unidades) de Angiologia e Cirurgia Vascular em quase todas as regiões do país, incluindo Açores e Madeira.

Na opinião de Augusto Ministro, “os grandes centros nacionais, localizados em Lisboa, Porto e Coimbra têm desenvolvido competências que os colocam na vanguarda dos mais diferenciados centros de Cirurgia Vascular a nível mundial. Ainda que limitados pelas restrições económicas, estes centros têm desenvolvido aptidões a nível cirúrgico convencional e endovascular, bem como parcerias com centros de referência a nível europeu, que permitem assegurar o futuro dos cuidados vasculares periféricos no país, assim como o contínuo papel de Portugal na história da cirurgia vascular mundial”.

De entre a multiplicidade de patologias, o especialista aborda os aneurismas da aorta abdominal e toraco-abdominal. “O termo aneurisma aplica-se sempre que há um aumento irreversível do diâmetro normal das artérias. Caracteriza-se por uma tumefação mais ou menos volumosa, pulsátil e com expansão, isto é, uma variação de diâmetro síncrona com a pulsação arterial. A doença aneurismática resulta de uma fraqueza estrutural da parede arterial, e a sua causa mais frequente é a aterosclerose, ou doença degenerativa da parede das artérias. Embora se possam desen-

volver em qualquer artéria do organismo, a sua localização preferencial é a aorta. A aorta é a maior artéria do corpo distribuindo sangue desde o coração ao resto do corpo. O aneurisma toraco-abdominal é talvez um dos maiores desafios terapêuticos com que o cirurgião vascular se depara, uma vez que o processo de dilatação arterial envolve toda a aorta desde o tórax até ao abdómen (desde o coração até aos membros inferiores). Porém, o aneurisma da aorta abdominal (AAA) infra-renal é o mais frequente, que se for tratado atempadamente evita complicações sérias como a trombose conducente a quadros de isquemia aguda do membro inferior, a rotura e a compressão de estruturas adjacentes”, revela o especialista.

O AAA infra-renal é, na maioria dos casos, assintomático. Raramente causa dor abdominal e/ou lombar e, num terço dos casos, a sua primeira manifestação clínica pode ser a rotura. A presença de dor, espontânea ou à palpação é um sintoma desfavorável, que pode estar associado à expansão do aneurisma e/ou a fenómenos de fissuração parietal sem rotura franca. Nestas circunstâncias a referência ao cirurgião vascular é uma emergência. Para o diagnóstico, “a palpação abdominal é uma manobra crucial, pois a evidência de uma massa pulsátil e expansível no abdómen é quase patognomónica da presença de um AAA”, refere Augusto Ministro, acrescentando ainda que “o diagnóstico é frequentemente «acidental» no decurso da realização de exames complementares de diagnóstico como um RX ao tórax que mostra um alargamento do mediastino, uma ecografia abdominal que mostra para além de “pedras na vesícula” uma dilatação da aorta ou uma tomografia computadorizada (TAC) que mostra a hipertrofia prostática e um aumento do diâmetro da aorta que se chegar ao ponto de rotura, situação de extrema

gravidade e que pode culminar na morte do doente”.

O tratamento clássico é cirúrgico, em que o seu propósito é realizar a ressecção do aneurisma restabelecendo-se a continuidade circulatória com o recurso a próteses vasculares. O objetivo é prevenir a sua rotura. “Os resultados são bons, duradouros, com um risco cirúrgico cada vez menor, graças aos desenvolvimentos verificados, não só na técnica cirúrgica, mas sobretudo, nos cuidados anestésicos e pós-operatórios em unidades de cuidados intensivos. O desenvolvimento da cirurgia endovascular (EVAR) com o aparecimento de endopróteses de última geração colocadas por cateterismo arterial retrógrado, sob controlo radiológico, e libertadas de modo a excluir o saco aneurismático da circulação através de duas pequenas incisões nas virilhas, tem demonstrado excelentes resultados”, assegura o especialista, que considera esta nova técnica revolucionária no tratamento da patologia aneurismática, pois “o tratamento endovascular minimamente invasivo permite que indivíduos septuagenários ou octogenários de maior risco sejam tratados com excelentes resultados, discutindo-se mesmo a necessidade de realizar o pós-operatório precoce em unidades diferenciadas

Augusto Ministro afirma que, em Portugal, a relação entre o número de aneurismas da aorta abdominal tratados e a população total é das mais baixas descritas na literatura. “Este fenómeno poderá ser justificado pelo défice de diagnóstico ou pela reduzida prevalência da doença na nossa população. Até à data, nenhum rastreio populacional sistemático foi realizado a nível nacional. O rastreio «A aorta não avisa» descreveu uma prevalência de 2,4% na população avaliada. Se admitirmos que a prevalência na população portuguesa for semelhante à de outros países europeus, poder-se-á admitir que poderá haver cerca de 500 novos casos por ano, com tendência a aumentar, consequência do progressivo envelhecimento da população”, assegura.

A Angiologia e Cirurgia Vascular, como especialidade médica, centra o seu campo de atuação no estudo, diagnóstico e tratamento das doenças do sistema circulatório, para além do coração e do sistema nervoso central, ou seja, as patologias das artérias, veias e linfáticos dos territórios ditos “periféricos”.

Augusto Ministro realizou a sua formação médica na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e especializou-se, em 2010, no Hospital de Santa Maria, em Angiologia e Cirurgia Vascular. Atualmente desempenha funções de assistente hospitalar no Serviço de Cirurgia Vascular do Centro Hospitalar Lisboa Norte (CHLN), Hospital de Santa Maria, integrando concomitantemente a equipa de transplante cirúrgico do mesmo CHLN.

Falar em Angiologia e Cirurgia Vascular em Portugal é falar de um dos seus